



A DANÇA

A dança nas suas mais diversas formas

Ao longo dos últimos anos, vêm surgindo a preocupação em incluir as pessoas com deficiência de qualquer natureza em atividades do cotidiano.

É certo que ainda enfrenta-se muita resistência devido ao preconceito - a imagem de que pessoas com algum tipo de deficiência são incapazes de desenvolver atividades das mais diversas áreas -, a falta de investimento na capacitação de profissionais para lidar com as diferenças, a preocupação que consta na teoria mais dificilmente é encontrada na prática, quando nos deparamos com a falta de adaptação da cidade e dos equipamentos para que possibilitem o acesso e uso de todos, independentemente de habilidades, estatura ou idade.

Outro fator muito importante de ser considerado é que, muitas vezes, na tentativa de resolver o problema, criam-se espaços para uso ou instituições de apoio a pessoas com deficiências específicas. Certamente um instituto para cegos, uma escola para surdos, ou uma associação de apoio a deficientes físicos ou mentais é de grande valia no auxílio do desenvolvimento destas pessoas. Mas mais valioso que isso, é poder colocar todas estas pessoas em contato direto, ouvintes e não ouvintes, cegos ou não, pessoas com mobilidade total ou comprometida, deficientes mentais ou pessoas sem nenhum problema de compreensão. Só assim podemos ter aquilo que chamamos de inclusão. Por isso minha proposta é trabalhar com todos os tipos de pessoas, valorizando as trocas e aprendizado que elas podem receber e doar entre si.

É nesse aspecto desafiador de mostrar a capacidade destas pessoas, que surgiu a proposta de trabalhar

com a dança nas suas mais diversas formas. Talvez esta pareça, a princípio, uma proposta complexa: como trabalhar com dança, que envolve música e movimento, com pessoas que não ouvem o som, não enxergam as coreografias e não têm domínio sobre todas as partes de seu corpo? De fato, é realmente desafiador, e não são muitas as pessoas que possuem o domínio destas atividades. Mas já podemos ver alguns exemplos de determinação.

DANÇA

Deficiência Físico-Motora

Há dezoito anos, a professora de Educação Física, bailarina e fisioterapeuta Rosângela Bernabé, 45 anos, viu-se diante de um grande desafio: dar aulas de balé a uma menina paraplégica. A determinação da fisioterapeuta e de sua aluna foi tamanha que, três anos depois, surgia o Grupo Giro de Dança sobre Rodas. Rosângela foi a primeira profissional no Brasil a ensinar dança para portadores de deficiência física e mental. Nos dez anos de existência do Grupo Giro, passaram por ele vários bailarinos. Atualmente são seis todas mulheres, sendo quatro deficientes. Elas ensaiam duas vezes por semana por 2 horas e se movimentam na cadeira e também fora dela. “Há sempre alguém ao lado, que não a ajuda a descer, apenas a estimula a sair da cadeira”, explica Rosângela. A aula termina com a junção dos movimentos e a elaboração de uma coreografia. “Todas dão opinião, porque quem está assistindo muitas vezes percebe o melhor ângulo para deixar a cadeira”, conta Renata. As bailarinas sobre rodas já se apresentaram em vários Estados e em inúmeros eventos internacionais, como o Festival Very Special Arts, na Bélgica, e o Festival Independence, no Canadá.

“O deficiente não precisa de caridade, e sim de respeito. Quando termina uma apresentação há sempre 5 segundos de angústia e emoção da platéia, porque as pessoas não acreditam no que viram. A dança é de domínio do mundo, cada corpo resolve como quer dançar”, afirma Rosângela.

Esse trabalho iniciado por Rosângela difundiu-se pelo país, e hoje podemos encontrar diversos outros grupos que buscam através da dança, dar um novo olhar aos portadores de deficiência. “A minha vida

inteira, sempre dancei. Sofri um acidente e quebrei a cervical. Esta relação com a dança é tudo para mim”, afirma Maristela Néri de Godoy, da Companhia Artes sem Barreiras, de São Paulo. Segundo profissionais da área, a dança tem mudado muita coisa no comportamento dessas pessoas, melhorando a comunicação e o relacionamento com os familiares e com a sociedade. “A minha cadeira de rodas é minha asa. Me sinto voando quando danço. A cadeira de rodas é também minha sapatilha. Ainda vamos fazer muita gente chorar” declara Helena Pimenta, 67 anos, integrante do grupo Arte e Vida sobre Rodas, de São José do Rio Preto.

DANÇA

DIFICULDADES	ESPAÇO	HABILIDADES
<ol style="list-style-type: none">1. Movimentação corporal comprometida2. Ausência de algum membro3. Alcance a alturas reduzidas4. Locomoção com equipamentos auxiliares	<ol style="list-style-type: none">1. Altura livre para aproximação.2. Reduzir esforço (evitar maçanetas e torneiras de girar, etc.)3. Barras de apoio4. Rampas/elevadores5. Passagens amplas6. Espaço para manobras	<ol style="list-style-type: none">1. Audição2. Visão3. Alfabetização

Deficiência visual

"Não existe nada impossível para o ser humano". Assim Fernanda Bianchini define o seu empenho à frente da Associação de Balé e Artes para Cegos, entidade que se dedica há dez anos ao ensino gratuito de dança e arte para deficientes visuais.

Ela dança desde os três anos e, aos quinze, visitou o Instituto Padre Chico, que atende crianças e adolescentes cegos. Lá, um deficiente perguntou a ela se um cego poderia dançar e ela não soube responder. "Quando contei isso ao meu pai, ele disse que eu nunca deveria dizer não a um desafio. Este foi o passo inicial para a criação da entidade".

Quando começou a pesquisar sobre dança para cegos, Fernanda foi desestimulada por professores e dançarinos. Para eles, ver os movimentos para imitá-los é essencial para aprender qualquer tipo de dança.

Por isso, ela acabou criando um método para ensinar os movimentos do balé clássico para quem não enxerga. "Para criar uma técnica diferenciada fui estudar fisioterapia e o curso forneceu a base teórica para a criação de um método".

Ela ressalta a importância da dança para esta deficiência, pois contribui para melhorar a postura da cabeça e da coluna vertebral, diminuir o déficit de equilíbrio, aumentar o contato físico e elevar a auto-estima.

A técnica explora o toque e reduz a dificuldade das alunas para medir as dimensões do espaço de atuação. "A solução foi estimular os outros sentidos e torná-las mais desenvoltas no palco com marcações no piso e contagem de passos".

Segundo Carla, orientadora Pedagógica da AJIDEVI (Associação Joinvillense para Integração dos Deficientes Visuais), as maiores dificuldades que um

deficiente visual apresenta são na questão da orientação e da insegurança de circular em locais desconhecidos. O equilíbrio e a coordenação também são bastante comprometidos, especialmente em cegos de nascença. Por isso a importância de se trabalhar atividades corpóreas desde cedo.

Pela ausência de visão, a concentração torna-se mais fácil, o que é muito útil na dança, bem como em outras atividades mais desafiadoras. Pessoas com baixa visão ou que perderam a visão depois de algum tempo de vida têm mais facilidade em desenvolver alguns movimentos, pois possuem memória visual das ações. Já para muitos é necessário o toque e a condução do corpo para que entendam o movimento proposto. As delimitações do espaço são muito importantes, para que evitem colisões e eventuais ferimentos que venham a causar insegurança.

A associação promove diversas atividades, como terapia ocupacional, alfabetização e transcrição do sistema Braille, sala de recursos para cegos e pessoas com Baixa Visão, atividades de vida diária e atividades de vida prática, educação física, laboratório de informática adaptado, aulas de artesanato, entre outras. Segundo Carla, a grande dificuldade é encontrar profissionais treinados para lidar com deficientes visuais. A maioria dos professores acaba tendo que se adaptar na prática e criar métodos próprios para trabalhar as atividades.

DIFICULDADES	ESPAÇO	HABILIDADES
<ol style="list-style-type: none">1. Baixa Visão ou Cegueira2. Má coordenação motora3. Dificuldade de orientação4. Insegurança e falta de equilíbrio	<ol style="list-style-type: none">1. Ambientes bem iluminados2. Cores contrastantes3. Superfícies acolchoadas4. Demarcação de piso.5. Texturas6. Sinais sonoros7. Letras grandes e com bom contraste.	<ol style="list-style-type: none">1. Audição2. Tato3. Concentração4. Leitura em Braille5. Sentidos de Equilíbrio e Orientação

Deficiência auditiva

A dança é desenvolvida e compreendida pelos surdos de uma maneira bastante distinta dos ouvintes. Ao contrário da maioria das pessoas, que associam a dança prioritariamente à música, ao som, essa relação não tem nenhuma significância para os deficientes auditivos. Para eles, a dança está ligada muito mais intimamente ao movimento em si.

As relações visuais são de extrema importância para a realização das mais diversas atividades. Desde o sinal luminoso que substitui um aviso sonoro (seja de alerta para algum perigo, para sinalizar a saída de um veículo ou para indicar intervalo de aulas) até a própria linguagem de LIBRAS, utilizada pela comunidade surda, tudo é transformado em relação visual.

Lúcia Matos, 44 anos, é Doutora em Artes Cênicas, Mestre em Educação e Licenciada em Dança. Atualmente atuando como diretora de dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, trabalhou durante sete anos ensinando dança a pessoas surdas, trabalho iniciado em 1992, na cidade de Salvador.

O que inspirou Lúcia neste trabalho foi o interesse pela gestualidade da linguagem de sinais, buscando a partir dessa relação prévia com os gestos, a transformação em movimentos de dança e coreografias. Os alunos participavam do processo de criação e apresentavam as coreografias.

Segundo Lúcia “a dança é arte, criação, e é uma das formas de expressão do ser humano. Assim, ela é acessível para qualquer pessoa, seja com ou sem deficiência. O importante é que o aluno tenha interesse por essa arte e no seu envolvimento no processo de criar, conhecer e produzir dança ele acaba incorporando novos valores, conhecimentos,

percepções de si próprio, do outro e do mundo. Não vejo a dança sendo abordada como um meio (de desenvolvimento ou sociabilização, ou qualquer outra coisa). A arte, a dança, por si só, no seu processo de criar, conhecer e produzir dança, engloba aspectos bio-psico-sociais e educativos.”

O trabalho de Lúcia não tem por objetivo aproximar o universo surdo do universo ouvinte, mas sim, validar a diferença. Dessa forma, o que aparece no processo de criação está intimamente ligado ao surdo. Por exemplo, para eles, a música não tem significado algum, por isso as coreografias eram montadas em cima dos movimentos em si. No caso de se marcar o movimento a partir de um ritmo, eram utilizados instrumentos de percussão, para que o som fosse percebido através da vibração. Por isso muitas vezes esse tipo de trabalho pode causar estranhamento ao público, já que está fora daquilo que é considerado um padrão. “Ainda há muitas pessoas que acham que o trabalho com pessoas com deficiência gera sentimentos de comoção, de pena. O bom é quando o público vem sem preconceito e percebe a fruição da obra artística, reconhecendo a diferença, isto é, o universo do Surdo expressado na Dança”, diz Lúcia.

DIFICULDADES	ESPAÇO	HABILIDADES
<ol style="list-style-type: none">1. Ausência ou baixa audição2. Desconhecimento de símbolos alfabéticos tradicionais.	<ol style="list-style-type: none">1. Sinais luminosos2. Pictogramas3. Intérprete de libras4. Piso que acentue a vibração (madeira com camada de ar)5. Informação escrita	<ol style="list-style-type: none">1. Percepção de vibração2. Visão3. Linguagem de libras4. Leitura labial

Deficiência mental

As crianças com deficiência mental têm o progresso de seu desenvolvimento mais lento que o de outras crianças. O que não significa que tal desenvolvimento ficará estagnado em algum de seus estágios, pelo contrário, não há limites pré-estabelecidos para o desenvolvimento destas crianças.

A deficiência muitas vezes isola a pessoa do mundo tanto no que diz respeito a sua participação, quanto à compreensão dos fatos. A arte pode neste caso, assumir um importante papel como facilitadora da comunicação. Ela oferece à pessoa novas formas de expressão de suas idéias e sentimentos e ainda, possibilita a aquisição de novos conceitos.

O movimento é o meio principal de construção de conhecimentos por parte da criança, onde se podem destacar aqueles relativos ao próprio corpo e às possibilidades expressivas deste. A capacidade de expressão relaciona-se diretamente ao desenvolvimento da socialização, onde entra o papel da Dança, que como forma de linguagem, vem proporcionar novos instrumentos de comunicação de idéias e relações entre os indivíduos.

A prática da Dança traz inúmeros benefícios ao desenvolvimento dessas pessoas, tendo como principais resultados a estabilidade emocional, a criatividade, o desenvolvimento de atividades motoras básicas, a melhoria nas relações sociais, o desenvolvimento cognitivo, a imagem corporal e a expressão.

Devido às dificuldades que essas pessoas portadoras de deficiência mental apresentam, existem técnicas utilizadas por profissionais que facilitam o

aprendizado. Uma delas é a repetição de seqüências fixas. Devido ao comprometimento do sistema cognitivo, essas pessoas precisam de mais estímulo acerca dos conceitos a serem assimilados, e desta forma, as diversas repetições trazem segurança aos alunos.

O uso de imagens também facilita a compreensão dos movimentos. As pessoas com deficiência mental apresentam uma certa dificuldade em assimilar e representar o abstrato. Desta forma, associar os movimentos à situações práticas do dia-a-dia, ou mostrá-los através de imagens e vídeos torna o movimento mais simples de ser aprendido.

A compreensão do espaço é também muito importante, sendo interessante o aprofundamento dos diversos níveis espaciais (alto, médio, baixo). Além disso, a exploração de ritmos simples, como por exemplo, as batidas do coração, facilitam a compreensão. Ritmos internos podem ser percebidos tanto pelo sentido da audição, como pela sensação tátil. Sentir e ouvir o próprio corpo são maneiras de trabalhar com dados concretos que vão sendo relacionados com a proposta rítmica da dança.

“Por meio da dança o homem reage ao mundo exterior, tenta apreender seus fenômenos e, simultaneamente, põe-se em contato com o mais profundo do seu ser. Os movimentos rítmicos permitem criar e integrar as representações surgidas em sonhos e imaginações. No seu dinamismo, as imagens arcaicas manifestam-se adequadamente através das formas de expressão mais antigas do homem, que são o gesto e a dança”.(Nise da Silveira)

DIFICULDADES	ESPAÇO	HABILIDADES
<ol style="list-style-type: none">1. Muita dificuldade de concentração, raciocínio e aprendizado.2. Dificuldade de socialização3. As vezes agressivo	<ol style="list-style-type: none">1. Evidenciar informações e facilitar comunicação2. Pictogramas3. Informação visual e sonora4. Informação escrita	<ol style="list-style-type: none">1. Audição2. Visão3. Habilidade motora